

Empresários elogiam Collor

O candidato Fernando Collor de Mello conseguiu ontem entusiasmar 50 influentes empresários, durante almoço no Centro Empresarial de São Paulo. "Impressionante", "interessante" e outros elogios foram ouvidos de pessoas como Wolfgang Sauer, da Autolatina, Peter John Rombaut, da Souza Cruz, e Paulo Villares, do Grupo Villares. Os empresários, no entanto, se mostraram comedidos: nada de declarar apoio, por enquanto. "É cedo ainda", era a opinião comum de Sauer, Villares e Edson Vaz Musa, da Rhodia.

Depois do almoço, Collor voltou a causar boa impressão, quando visitou a 38ª Feira Nacional da Indústria Têxtil (Fe-

nit), no Anhembi. Durante apenas 15 minutos de um quase desfile entre o stand da Associação Brasileira de Vestiários e a saída, Collor, de terno cinza, paletó-jaquetão e gravata bicolor com as cores de sua campanha (azul e amarelo), era reconhecido pela maioria das pessoas que passava por ele. Parou várias vezes para ser cumprimentado com apertos de mão, abraços. "O senhor é a única esperança do Brasil", disse um comerciante de feições orientais. "O senhor precisa consertar o País", pediu uma moça. "Vamos lá", foi a promessa do candidato, que, vez ou outra, usava um de seus chavões: "Vamos botar os ladrões na cadeia!"

Os empresários permane-

ram no almoço com Collor por cerca de duas horas. Entre o prato principal e a sobremesa, o candidato do PRN traçou as linhas básicas do que imagina ser seu governo, caso vença em 15 de novembro. Paulo Villares revelou que Collor fez considerações sobre a dívida externa — o empresário não disse quais —, além de ter advertido para a impossibilidade de se conviver com a pobreza absoluta e para a necessidade de se recuperar o crescimento do País. "Gostei demais", declarou Villares, mantendo-se discretamente entre o elogio e o apoio formal. "Vi um candidato que não tem compromisso com ninguém", completou o presidente do Grupo Villares.

Collor também não se quis comprometer. Afirmou não estar procurando apoio do empresariado. "Não estou a fim", observou. Ele explicou o aparente paradoxo de não buscar apoio e ter almoçado com 50 empresários: "Sou candidato a presidente da República e não posso ficar isolado", disse, para emendar: "Falo com eles como também tenho conversado com comerciantes e trabalhadores".

O ex-governador de Alagoas preferiu evitar polêmica com o candidato do PDT, Leonel Brizola, que o acusou de ter desfilado para Yolanda Costa e Silva, então primeira-dama brasileira. "Não me interessa entrar nessa polêmica", desconversou.